

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO



**DEPOIMENTOS DE EX-CATADORES DO ATERRO
METROPOLITANO DE JARDIM GRAMACHO – UMA
EXPERIÊNCIA VIVENCIAL DE REPORTAGEM**

LUÍSA LUCCIOLA LOPES GONÇALVES

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**DEPOIMENTOS DE EX-CATADORES DO ATERRO
METROPOLITANO DE JARDIM GRAMACHO – UMA
EXPERIÊNCIA VIVENCIAL DE REPORTAGEM**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

LUÍSA LUCCIOLA LOPES GONÇALVES

Orientadora: Prof.^a. Dra. Cristina Rego Monteiro

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Depoimentos de ex-catadores do Lixão de Jardim Gramacho – Uma experiência vivencial de reportagem**, elaborada por Luísa Lucciola Lopes Gonçalves.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Prof.^a. Dra. Cristina Rego Monteiro
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof.^a. Dra. Marialva Barbosa
Pós-Doutora pelo Centre National des Recherches Scientifiques
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Márcio Tavares D'Amaral
Pós-Doutor pela Université Paris-Descartes
Departamento de Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

GONÇALVES, Luísa Lucciola Lopes. **Depoimentos de ex-catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho – Uma experiência vivencial de reportagem.** Rio de Janeiro, 2013.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientadora: Cristina Rego Monteiro da Luz

GONÇALVES, Luísa Lucciola Lopes. **Depoimentos de ex-catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho – Uma experiência vivencial de reportagem.**
Orientadora: Cristina Rego Monteiro. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho de conclusão é um produto jornalístico a respeito dos catadores de material reciclável do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho – uma reportagem em vídeo. Depois do fechamento do lixão, os catadores receberam uma indenização em dinheiro da Prefeitura do Rio de Janeiro e tiveram que reinventar suas vidas. O trabalho foi desenvolvido a partir de um olhar acadêmico, articulando conceitos de etnografia, antropologia do consumo e invisibilidade social para um formato que transita entre a videoreportagem tradicional e o documentário.

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu Vô Evaldo e à minha Vô Genny que me ensinaram, na teoria e na prática, que o mundo só é bom se for justo.

Agradecimentos

A toda minha família. Sobretudo, aos meus pais, Duva e Enio. Não existe gratidão grande o suficiente para todo o carinho, investimento e atenção que recebi – essa conquista é nossa! Aos meus irmãos, Clara, Nat e Vini. Sem eles, a vida não seria possível.

Ao meu Fêco, companheiro de aventuras e desventuras, casa e estrada, chuva e mar. Os conselhos foram preciosos e as risadas, fundamentais. Je t'aime, você é minha paz.

À minha orientadora, Cristina, que abraçou essa ideia e comprou minha briga. Além da excepcional contribuição para este trabalho, teve a generosidade de transmitir ensinamentos que levarei para toda a vida. Obrigada!

Ao Joacir e ao Evandro, personagens mais divertidos que já encontrei. Obrigada pela boa vontade de compartilhar comigo suas histórias.

A todos os professores e a todos os funcionários ECO. Me orgulho de dizer que tudo que aprendi nestas salas, nestes corredores e na hora da cerveja fizeram de mim quem eu sou.

Um grande “merci” aos amigos petianos e ao tutor Moha ElHajji. Nessa salinha aprendi a ver o mundo com outros olhos, mais doces e justos. Vocês têm lugar especial no meu coração.

Aos amigos que fiz na ECO, especialmente os membros do Seu Neyla, Diego, Érica, Nando, Gabogs e Renata. Obrigada por tantas lições sobre amizade, tolerância e sensibilidade ao longo desses cinco anos. A vida é melhor com vocês ao meu lado, seja na Praia Vermelha ou na Europa.

À Anele e ao Gabriel, que estiveram ao meu lado desde os tempos de prova final até... Até sempre. Levando a vida devagar ou não, não faltará amor.

A todos os chefes e colegas da Band e do Infoglobo, que compartilharam comigo a loucura dia-a-dia do jornalismo, especialmente aos que gastaram seu tempo me ensinando um pouco mais sobre essa apaixonante profissão. Destaco os mais recentes jornalistas Rafael Soares e Marcello Côrrea – companheiros desta pauta desde o princípio –, Rafa Nascimento – que dividiu tantos brigadeiros, cafés e lamentos – e Pedro Mansur – o chato mais parceiro que existe.

A todos que, sabendo ou não, me ajudaram, direta ou indiretamente, nesse processo.

Por último, um confiante obrigada a todos os deuses, santos e orixás que me encheram de sorte e luz sempre que pedi ou precisei. Salve!

Índice

1. Introdução	8
2. Leituras que antecederam a prática da reportagem	11
3. Gramacho, do lixão ao ferro velho	18
3.1. História do lixo carioca	18
3.2. Descontrole, abandono e fechamento	20
4. ‘Quem trabalha como eu tem que feder’	25
5. Relatório de produção	31
5.1. Pré-entrevistas	31
5.2. Gravação	31
5.3. Edição	32
6. Conclusão	38
7. Bibliografia	40
8. Anexos	44

1. INTRODUÇÃO

A decisão de fazer uma reportagem decorre do desejo de colocar em prática e vivenciar, com pensamento crítico, vários dos conceitos trabalhados ao longo da graduação. É raro encontrar, ao fim de cada semestre, entre os formandos de Jornalismo, produtos em vez de monografias. Acredito que essa seja uma importante forma de aplicar o conhecimento na atividade fim escolhida pelo aluno que se propõe a atuar profissionalmente como jornalista, utilizando a excelência teórica – oferecida pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Dentre os vários formatos possíveis para realizar uma reportagem, optei pelo vídeo por acreditar tratar-se de uma plataforma inserida no universo de mídias digitais – bastante aberto a experimentações técnicas. O objetivo foi realizar um produto que se encontrasse entre a reportagem e o documentário – em que pudesse testar linguagens menos tradicionais.

A pauta escolhida foi a atualização da situação dos catadores de material reciclável do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, alguns meses após seu fechamento. O tema me mobilizou desde que visitei pela primeira vez o lixão, em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, em maio de 2012. Lá, tive a oportunidade de compreender de uma maneira nova o processo de consumo: vi o que acontece, de forma concreta, com praticamente tudo que passa pelas minhas mãos, mas não se encerra em mim, nem some magicamente da lixeira.

As figuras que trabalhavam ali, algumas desde crianças, já haviam naturalizado o meio em que se encontravam – inclusive o cheiro que parecia ferir meu nariz. Com o fechamento do lixão, 1.700 catadores perderam seus empregos, mas foram indenizados com cerca de R\$ 14 mil reais pela Prefeitura do Rio de Janeiro. A reportagem surge do questionamento a respeito da real eficácia dessa indenização. O conceito de sustentabilidade cumpre-se ao prover esta indenização, do ponto de vista social de quem sobrevivia como catador? O que aconteceu com os catadores?

Uma das técnicas clássicas de reportagem é a escolha de personagens que possam trazer a densidade necessária à narrativa jornalística. Como teorizaram Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986; 125), “há muitas maneiras de escrever uma história, mas nenhuma pode prescindir de personagens”.

São personagens desta reportagem os dois mais jovens ex-catadores do lixão de Gramacho, os irmãos Joacir e Evandro Crispim, hoje com 21 e 22 anos, que trabalhavam lá há três e quatro anos, respectivamente. Talvez por serem tão novos, Joacir e Evandro eram dos catadores mais esperançosos com relação ao futuro, quando do fechamento do local.

O interesse pela observação social despertou minha atenção para a história e o futuro desses catadores. O tema está na interface com a antropologia – trabalhada em várias disciplinas obrigatórias e eletivas, desde o ciclo básico da graduação em Comunicação Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – aplicada à prática jornalística.

Para referenciar o trabalho usaremos o conceito de descrição densa, desenvolvido pelo antropólogo americano Clifford Geertz (2008) – originalmente cunhado pelo filósofo Gilbert Ryle. Este conceito foi fundamental para nos ajudar a entender e organizar a realização de um trabalho etnográfico. “[Descrição densa] é, portanto, escolher entre as estruturas de significação [...] e determinar sua base social e sua importância” (GEERTZ, 2008; 7).

A leitura de Geertz também foi importante para a escolha do formato do produto criado. Em “A interpretação das culturas” (2008), ele explica que a forma mais comum de um antropólogo anotar um dado discurso social é através de livros e textos, em vez de “filmes discos e exposições em museus”. “Tem feito falta à antropologia uma autoconsciência sobre modos de representação (para não falar em experimentações com elas)” (GEERTZ, 2008; 14).

Para tentar entender o significado dos bens na sociedade de consumo, tomamos emprestado da antropóloga Mary Douglas e do economista Baron Isherwood a noção de consumo como um processo ativo, afirmativo, em que “todas as categorias sociais estão sendo continuamente redefinidas” (DOUGLAS & ISHERWOOD, 1979; 116). Também aproveitamos o conceito de “consumidor social”, que se vale do consumo para viver em sociedade e mantém fortes valores de comunidade – caso dos catadores do lixão de Gramacho, que não viviam em ritmo de disputa intensa, mas de ajuda e companheirismo, segundo relato dos personagens.

Com a ajuda de Zygmunt Bauman (2006), pudemos entender o conceito de ressentimento, tão presente na relação dos catadores com o resto da sociedade. Ainda no

primeiro encontro com os catadores, questionados sobre como o resto da sociedade os encarava, Evandro disse: “Eles pensam que a gente é lixo. Junto com o lixo daqui, eles pensam que a gente que é lixo. Que nós não somos nada”.

Também foi de Bauman (2011) que tomamos a definição de “refugo humano”, pessoas redundantes, “consumidores falhos” em uma sociedade de consumo, que o autor compara justamente com os dejetos da sociedade, além de tratar especificamente de “coletores de lixo” (BAUMAN, 2004; 39). Usamos, também, a tese do psicólogo Fernando Braga da Costa (2008), que trata da invisibilidade pública sofrida pelos garis, fenômeno similar ao que vivem alguns catadores – eles são enxergados, mas não são vistos.

Este trabalho será estruturado em seis capítulos, além da reportagem em vídeo. O **capítulo 2** indicará os conteúdos teóricos trabalhados antes de iniciarmos a produção da reportagem. No **capítulo 3**, vamos contextualizar o Aterro de Gramacho, destacando sua importância para a capital do Rio de Janeiro e outros municípios da Baixada Fluminense.

No **capítulo 4**, descreveremos o processo de produção de uma perspectiva pessoal. O objetivo será detalhar a execução da pauta e quais foram as facilidades e dificuldades encontradas no campo. Já o **capítulo 5** será um relatório técnico dividido nas etapas de produção: pré-entrevistas, gravação e edição.

Nas conclusões finais, o **capítulo 6**, vamos descrever a experiência de adaptar a pesquisa desenvolvida com olhar acadêmico para um formato jornalístico, tentando torná-lo ao mesmo tempo inovador e consistente. Também vamos analisar as impressões sobre o produto e sobre o contato com os catadores.

Acreditamos que este trabalho possa dar voz a um grupo de pessoas pouco escutado pela sociedade civil como um todo. Ao longo das entrevistas, uma das queixas dos catadores diz respeito à forma como são retratados pela mídia em geral. Na primeira entrevista, quando o lixão ainda estava aberto, Joacir descreveu a atitude da imprensa: “Todo mundo vem aqui e tira as fotos mais ridicularizadas, mais feias, quando você está mais esculachado mesmo. É para mostrar: ‘só porque trabalha no lixo é esculachado’”.

O que buscamos aqui foi desconstruir essa imagem, que não condiz com a realidade deles, dando aos catadores a chance de contar sua versão da história, ainda que a partir de um recorte feito por terceiros. No caso, por mim.

2. LEITURAS QUE ANTECEDERAM A PRÁTICA DA REPORTAGEM

Como baliza para as reflexões teóricas da pesquisa desenvolvida para a reportagem/documentário sobre o fim do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho e o que aconteceu com ex-catadores de lá, descontextualizados das atividades profissionais que exerciam, nos baseamos, primeiramente, no conceito etnográfico de descrição densa, de Clifford Geertz. O antropólogo norte-americano define a descrição densa – termo cunhado, originalmente, por Gilbert Ryle – como a análise de estruturas de significações, sua hierarquização e sua posterior tradução.

O que o etnógrafo enfrenta, de fato [...] é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem de, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar (GEERTZ, 1989; 7).

A ideia geral do antropólogo (1989; 4) é entender uma determinada realidade, sem ficar preso aos métodos antropológicos – observando nuances e intenções – para, depois de compreender os códigos estabelecidos (1989; 7), descrevê-los.

Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1989; 7).

Também foi em Geertz, em seu livro “O saber local” (2006), que encontramos os conceitos de experiência próxima e experiência distante. Segundo o autor, a experiência próxima é a forma como alguém definiria “aquilo que seus semelhantes veem, sentem, pensam, imaginam etc. e que ele próprio entenderia facilmente, se outros o utilizassem da mesma maneira” (2006; 87); a distante seria a que “especialistas de qualquer tipo [...] utilizam para levar a cabo seus objetivos científicos, filosóficos e práticos”.

O autor ressalva que as duas experiências não são opostas e que nenhum dos conceitos é melhor do que o outro. “Limitar-se a conceitos de experiência-próxima deixaria o etnógrafo afogado em miudezas e preso em um emaranhado vernacular. Limitar-se aos de experiência-distante, por outro lado, o deixaria perdido em abstrações e sufocado com jargões” (2006;88).

Caberia ao pesquisador – no caso deste projeto experimental, também jornalista – não se ater a apenas um deles e saber transitar entre os aspectos mais pragmáticos e os mais sentimentais de uma análise. Em última instância, saber ouvir e entender uma experiência-próxima nos ajuda a traduzi-la.

O livro “O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo” (2006), de Mary Douglas e Baron Isherwood, traz vários conceitos que utilizamos ao longo da produção desta reportagem. Com a globalização, o mundo passa a dividir-se entre vencedores e perdedores; “a maioria condenada a uma vida de miséria e desesperança” (GIDDENS, 2008; 25). Douglas e Isherwood (2006; 125) apontam os bens de consumo como marcadores dessas diferenças sociais. Eles alertam, contudo, que a pobreza não se trata de escassez de bens (2006; 228), mas da forma como os indivíduos se envolvem com outros consumidores.

Os autores (2006; 116) explicam que o consumo é um processo ativo, que permite aos indivíduos se expressar. “Dentro do tempo e do espaço disponíveis, o indivíduo usa o consumo para dizer alguma coisa sobre si mesmo, sua família, sua localidade”. Este processo se refaz constantemente, ao longo da vida. “A espécie de afirmações que ele faz depende da espécie de universo que habita”.

Uma das maneiras de estar em contato com outros consumidores é o que eles definem como conexão social (DOUGLAS & ISHERWOOD, 2006; 234-239). Segundo os autores, nos grupos onde esta conexão é mais forte, a noção de comunidade se faz mais presente e, muitas vezes, até mesmo os gastos financeiros são divididos entre os membros. Estes são os grupos que costumam ter menor acesso e uso de recursos tecnológicos, mas que acabam por desenvolver relações solidárias, de compensação. Num dos exemplos do livro, um grupo de mineiros de Yorkshire, todos os trabalhadores mantinham, em suas casas, o padrão financeiro dos que ganhavam menos. A sobra era revertida em cerveja e jogos de carta – divertimentos para o grupo inteiro.

A descrição dos autores remete ao Aterro de Gramacho descrito pelos entrevistados, onde o clima entre os catadores era harmonioso. Muitas vezes, os mais jovens, que tinham mais força física e disposição, ajudavam os mais velhos a encher e carregar suas *big bags* – grandes sacolas de lona onde acumulavam o material reciclável coletado. De acordo com os depoimentos colhidos, quando um dos membros de uma

família ficava impedido de trabalhar por algum motivo, os demais catadores tentavam compensar essa ausência, fornecendo materiais para a família.

Ainda em “O mundo dos bens”, os autores apontam a educação como um investimento na mudança do *status quo* econômico e político dos indivíduos. “A educação não é consumo, mas tem de ser considerada investimento em capital humano” (1979; 214-215). O livro conclui que, de toda forma, a simples aquisição de dinheiro ou de bens não resolve a exclusão social.

Os pobres são nossos amigos e parentes. Nem todos os nossos parentes estarão entre os bem aquinhoados. Se não sabemos como vivem os pobres, só pode ser porque os deixamos de fora de nossos rituais de consumo e deixamos de aceitar convites para comparecer aos deles. (DOUGLAS & ISHERWOOD, 2006; 234-239).

Para entender melhor a relação entre catadores de lixo e a sociedade, nos baseamos em conceitos dos livros “A ética é possível num mundo de consumidores?” (2011) e “Vidas desperdiçadas” (2005), ambos do sociólogo polonês Zygmunt Bauman.

No capítulo inicial do primeiro livro, Bauman (2011; 41-44) trata do *ressentimento* que existe entre indivíduos e que impede as pessoas de amarem o “Outro”. O autor aborda as conceituações de *ressentimento* dos filósofos alemães Friedrich Nietzsche e Max Scheler. Para Nietzsche, essa hostilidade é o que “os discriminados e os humilhados sentem por seus ‘superiores’ (os autoproclamados e autoestabelecidos superiores): os ricos, os poderosos [...]”. Trata-se de uma certa inveja que os menos avantajados teriam dos ricos. Já Scheler acreditava que o *ressentimento* era mais comum entre membros de uma mesma classe, que se sentiriam incitados a “competir febrilmente por conquistas similares, a promover a si mesmos, ao mesmo tempo que degradam os outros ‘como eles’”. Esse sentimento seria responsável pelo consumo ostensivo, que visa à autopromoção.

Bauman (2011; 44-45) trata ainda de um terceiro *ressentimento*, especialmente comum no nosso tempo, “com a crescente ‘fluidez’ das relações sociais”: o *ressentimento* contra estranhos – “[...] pessoas que, precisamente porque são pouco conhecidas e, portanto, imprevisíveis, tornam-se incorporações vívidas e tangíveis da fluidez ressentida e temida do mundo”. Tratando mais especificamente de globalização, Bauman destaca o *estranho* mais temido na atualidade: os refugiados, pessoas que ficaram sem pátria.

Em “Vidas desperdiçadas” o sociólogo descreve um tipo de *estranho*, aqui chamado de “refugo humano” (BAUMAN, 2005; 20-22), usando uma metáfora particularmente interessante. “Refugo humano” seriam pessoas redundantes, excessos da sociedade de consumo, consumidores falhos. “‘Redundância’ compartilha o espaço semântico de ‘rejeitos’, ‘dejetos’, ‘restos’, ‘lixo’ – com *refugo* [...]. O destino do refugo é o depósito de dejetos, o monte de lixo”.

“A história que e com que crescemos não tem interesse no lixo” é o que nos explica Bauman (2005; 38). Fomos ensinados a valorizar apenas o produto, e não o dejetos, seu refugo. No caso deste trabalho específico, a metáfora do autor é literal.

Não visitamos essas montanhas [de refugos], seja fisicamente ou em pensamento, da mesma forma como não nos aventuramos em bairros problemáticos, ruas perigosas, guetos urbanos, campos de refugiados em busca de asilo e outras áreas interditas [...]. Removemos os dejetos da maneira mais radical e efetiva: tornando-os invisíveis por não olhá-los, e inimagináveis, por não pensarmos neles (BAUMAN, 2005; 38).

O psicólogo Fernando Braga da Costa desenvolveu, ao longo de oito anos, um trabalho acadêmico na Universidade de São Paulo, que resultou na publicação de sua tese de doutorado, “Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garis. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas” (2008). Costa passou este período trabalhando com garis da universidade e concluiu que eles eram vítimas de invisibilidade pública, conceito que abordaremos com mais detalhes mais adiante.

Segundo Bauman (2005), o lixo é a parte vergonhosa de toda produção e, se possível, os produtores o esconderiam. Como a geração de lixo é volumosa demais, surge a necessidade de criar-se uma indústria de remoção do lixo. Mesmo assim, o autor aponta que os consumidores precisam de coletores de lixo, para que alguém manuseie as coisas que eles não têm interesse em mexer (BAUMAN, 2005; 76).

A sobrevivência moderna [...] depende da destreza e da proficiência na remoção do lixo. Os coletores de lixo são os heróis não decantados da modernidade. Dia após dia, eles reavivam a linha entre normalidade e patologia, saúde e doença, desejável e repulsivo, aceito e rejeitado [...]. E não é a diferença entre produtos úteis e refugo que demarca a divisa. Muito pelo contrário é a divisa que prediz – literalmente, invoca – a diferença entre eles: a diferença entre o admitido e o rejeitado, o incluído e o excluído. (BAUMAN, 2005; 39).

Bauman também trata especificamente da educação como (a única) forma de superar barreiras sociais.

A educação superior se tornou a condição mínima de esperança até mesmo de uma duvidosa chance de vida digna e segura (o que não significa que um diploma garanta uma viagem tranquila; apenas parece fazer isso porque continua sendo privilégio de uma minoria) (BAUMAN, 2005; 23).

Retomando as ideias de Geertz, o antropólogo aponta que as pessoas – que ele define, a contragosto, como nativos e que, neste trabalho, são os personagens entrevistados – são capazes de aplicar certos conceitos sem perceber.

As pessoas usam conceitos de experiência-própria espontaneamente, naturalmente, por assim dizer, coloquialmente; não reconhecem, a não ser de forma passageira e ocasional, que o que disseram envolve “conceitos”. Isto é exatamente o que experiência-próxima significa [...] (GEERTZ, 1983; 87).

Vários dos conceitos que apreendemos durante toda a análise bibliográfica foram usados despercebidamente por Joacir e Evandro, personagens deste produto. A noção a respeito de bens de consumo como marcadores sociais foi posta em prática pelos catadores. Na ocasião do fechamento do lixão, quando recebeu a indenização, Evandro foi a uma loja e comprou quatro pares de tênis “de marca” sem se preocupar com o preço. Ele costumava comprar sapatos falsificados, em camelôs, e, nesse momento, sentiu-se com outro padrão de consumo.

Dos tênis comprados, Evandro só ficou com dois. O outro deu a seus sobrinhos, que têm quase sua idade – reforçando o conceito da força das conexões sociais em certos grupos, abordado por Douglas e Isherwood.

Os dois irmãos também concordavam com os autores abordados a respeito da importância da educação como forma de ascender socialmente. Sete meses após o fechamento do lixão, eles se queixavam das opções de empregos que tinham – no caso de Evandro, nenhuma, já que ficou desempregado – e, questionados sobre a diferença que faria terem ensino superior, os dois afirmaram com convicção que, se tivessem diplomas, conseguir um emprego ficaria “bem mais fácil”. “Na faculdade, você já consegue estágio. Só isso já ajuda”, disse Evandro.

Numa conversa rápida com os ex-catadores fica fácil notar o *ressentimento*, da sociedade com eles e deles com a sociedade. Os dois disseram que, se ficassem ricos,

não gostariam de ir morar num bairro mais luxuoso, como a Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio. “Lá, eles olham feio pra mim só porque eu sou preto”. Os catadores também confessaram sentir vergonha de falar qual era sua profissão, quando começaram a trabalhar no lixão.

Na edição da reportagem, buscamos trazer aspectos mais voltados ao cinema documental que à telerreportagem. “Filmar o real” (2008), de Consuelo Lins e Claudia Mesquita, nos ajudou a entender um pouco mais sobre variadas formas documentais e foi fonte de inspiração.

A respeito do uso da narração over (ou OFF, nos termos do telejornalismo), as autoras explicam que o modelo se popularizou bastante na produção documental brasileira desde os anos 60. A opção de utilizar a narração mostra um “intelectual/cineasta que se julga no papel de intérprete que aponta problemas e busca soluções para a experiência popular” (LINS & MESQUITA, 2008; 22).

Lins e Mesquita (2008; 18-19) também tratam da produção cinematográfica de Eduardo Coutinho a partir de 1999. O documentarista mantém as ambiguidades dos personagens e se vale de apenas um espaço (no caso do cinema, uma única locação) para “dali extrair uma visão que evoca um ‘geral’, mas não o representa nem exemplifica”.

Para decidir os planos, técnicas de gravação de montagem, nos baseamos no “Um manual de técnicas de cinema e vídeo”, de Henry Watts (1992), texto que serviu de base para treinamentos na emissora de televisão britânica BBC (1999; 2). Dicas sobre uso do tripé, manter uma margem de segurança nos limites do filme, gravação de tomadas longas e elaboração de um primeiro corte ajudaram a produzir a reportagem de forma mais planejada.

O uso de imagens de deslocamento – planos gravados do carro que registram o caminho até o local da entrevista – são o que pode ser chamado de deslocografia (GOSCIOLA; 2012). O objetivo é demarcar o espaço que existe entre entrevistador e personagens, de forma a deixar clara a subjetividade de quem produz o material.

Para produzir esta reportagem, articulamos todos estes conteúdos analisados com a política ambiental do estado do Rio de Janeiro e as histórias dos catadores de material reciclável. O fim do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho era uma demanda da Política Nacional de Resíduos Sólidos, programa do Governo Federal que

previa o fechamento de todos os lixões a céu aberto até 2014. Desde junho, as pessoas que trabalhavam no lixão tiveram que buscar uma nova vida – mesmo as que continuaram trabalhando com reciclagem – e descobrir um novo papel para desempenhar na sociedade.

3. GRAMACHO, DO LIXÃO AO FERRO VELHO

Depois de 30 anos de funcionamento, o Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho parou de receber lixo em maio de 2012, às vésperas da Rio+20, conferência das Organizações das Nações Unidas (ONU) sobre sustentabilidade, sediada no Rio de Janeiro. Com os olhos do mundo dirigidos à cidade-sede, o maior lixão da América Latina, que recebia resíduos sólidos da capital e de vários municípios da Baixada Fluminense, encerrou seu funcionamento em clima de festa – e de dívida atrasada saldada, social e ambiental.

No entanto, os 1.700 catadores que tinham o lixão como fonte de renda direta viram-se diante de um dilema sobre o futuro. A indenização de R\$ 14 mil para cada um deles – depositados em conta corrente na Caixa Econômica Federal – não vinha com manual de instruções do caminho a trilhar para conquistar uma nova fonte de renda ou emprego. Os catadores de material reciclável tiveram que descobrir novas formas de sobreviver e trabalhar.

3.1. HISTÓRIA DO LIXO CARIOCA

Em 2010, foi sancionada pelo então presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva, a Lei nº 12.305, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS). Um dos principais pontos desta política foi o fechamento de todos os lixões a céu aberto do Brasil até 2014. Os estados e municípios que não cumprirem as demandas da lei podem ser privados de recursos federais.

A elaboração de plano estadual de resíduos sólidos, nos termos previstos por esta Lei, é condição para os Estados terem acesso a recursos da União, ou por ela controlados, destinados a empreendimentos e serviços relacionados à gestão de resíduos sólidos, ou para serem beneficiados por incentivos ou financiamentos de entidades federais de crédito ou fomento para tal finalidade.¹

No lugar dos lixões, está determinado que sejam criados aterros sanitários ou aterros controlados, que protejam o solo da contaminação pelo chorume (líquido tóxico

¹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm. Acessado em: 07/02/2013

decorrente da decomposição do lixo). O fechamento de Gramacho em maio de 2012 atendeu à PNRS.

O lixo carioca demorou a receber tratamento. O artigo “Consumido: a realidade cruel na evolução do lixo” (2011), de Renato Iezzi, nos dá um panorama de como se lidava historicamente com os resíduos do Rio de Janeiro desde o século XIX. Até a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, cada carioca cuidava de seu próprio lixo, geralmente atirando-o na rua, em algum terreno abandonado ou mesmo no mar. Foi em 1830 que a Câmara Municipal tratou do problema pela primeira vez, criando uma lei que punia quem lançasse lixo em vias públicas.

A medida não foi capaz de solucionar o problema do lixo na cidade. Segundo Iezzi (2011; 18), “a promessa de organização veio com o francês radicado no Rio, Aleixo Gary, que em 1876 foi contratado provisoriamente pelo Ministério Imperial para administrar e gerenciar a limpeza urbana”. Uma curiosidade sobre o trabalho de Gary é que seu legado foi além do tratamento dos dejetos; ele também emprestou seu nome à profissão de quem recolhe o lixo urbano: os garis.

Durante sua administração, ao longo de 15 anos, Gary determinou o recolhimento do lixo nas ruas e nas praias e sua destinação à Ilha de Sapucaia, na enseada de Inhaúma, na Baía de Guanabara. Para lá, foram destinados os dejetos do Rio de Janeiro até meados do século XX, quando o Decreto-lei nº 7,563, de 21 de maio de 1945², determinou o aterramento de todo o arquipélago para a construção da Cidade Universitária da UFRJ. Hoje, é sobre a Ilha da Sapucaia que está erguido o prédio da reitoria da Universidade.

Mesmo com a reforma urbana e as tentativas de higienização de Francisco Pereira Passos, prefeito do Rio entre 1902 e 1906, os dejetos cariocas continuaram a ser lançados sem o menor tratamento em Sapucaia. Embora no começo do século passado tenham sido realizados vários estudos para encontrar a melhor forma de encaminhar o lixo da cidade, vale destacar que, além de querer evitar ratos e a fedentina que provinha do entulho, nenhum deles tinha qualquer tipo de preocupação ambiental: “estavam visando simplesmente esconder o lixo, evitando assim a proliferação de vetores e o mau cheiro” (IEZZI, 2011; 20).

² Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-7563-21-maio-1945-417269-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acessado em: 07/02/2013

Em 1933, um novo terreno passou a receber o lixo urbano, um aterro chamado Retiro Saudoso, no Caju. O trabalho de Iezzi destaca que todos esses lixões – inclusive o de Gramacho – encontravam-se às margens da Baía de Guanabara, que até hoje sofre com a poluição.

A Lei nº 263, de 24 de dezembro de 1962, criou o Departamento de Ordem Política e Social do Estado da Guanabara, o DOPS-GB. O órgão, subordinado à Secretaria de Segurança Pública, foi responsável, ao longo do regime militar brasileiro, entre 1964 e 1985, pela prisão e investigação de diversos militantes políticos “subversivos” (GASPARI, 2002). O DOPS-GB promovia uma espécie de limpeza ideológica nas ruas. Insolitamente, é nessa mesma Lei que o artigo 183 prevê a criação da Companhia Estadual de Limpeza Urbana, a Celurb³, responsável por um outro tipo de limpeza das ruas fluminenses. Em 1975, a Celurb foi transformada em Comlurb, a Companhia Municipal de Limpeza Urbana⁴. São atribuições da Comlurb:

[...] os serviços coleta domiciliar, limpeza dos logradouros públicos, das areias das praias, de parques públicos, do mobiliário urbano, dos túneis, viadutos, e, em especial, a limpeza e higienização de hospitais municipais. Coleta e destinação adequada de todos os resíduos produzidos em unidades de saúde localizadas no município do Rio de Janeiro. Transferência, tratamento e disposição final do lixo.

3.2. DESCONTROLE, ABANDONO E FECHAMENTO

Em 1975, a Comlurb recebeu do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) um terreno de 370,55 mil hectares, em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, “com a finalidade de instalar um aterro sanitário metropolitano” (BASTOS, 2009; 16), a supracitada “disposição final do lixo”.

A tese de doutorado “Catador: profissão – Um estudo do processo de construção identitária, do catador de lixo ao profissional catador” (2009), de Valeria Pereira Bastos, nos dá informações mais precisas acerca da história de Gramacho. O maior lixão a céu

³ A informação está presente num ofício enviado pelo diretor-presidente da Celurb ao Secretário de Obras, disponível no site do Governo do Estado do Rio de Janeiro, em: <http://download.rj.gov.br/documentos/10112/1040092/DLFE-52642.pdf/REVISTA28308.pdf>. Acessado em: 07/02/2013.

⁴ Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/comlurb/exibeconteudo?article-id=91790>. Acessado em: 07/02/2013.

aberto da América Latina começou a receber dejetos em 1975. Para lá era levado o lixo de Rio de Janeiro, Duque de Caxias, São João de Meriti, Nova Iguaçu, Nilópolis, Belford Roxo, Petrópolis e Guapimirim (BASTOS, 2009; 16). Sem nenhuma preparação específica do terreno, as carretas começaram a despejar, de forma irregular, diversos tipos de lixo naquele espaço – orgânico, reciclável, hospitalar, etc.

O catador Joacir Crispim, de Gramacho, contou, durante as entrevistas para este projeto experimental, que, em um dia de trabalho, enquanto buscava materiais recicláveis, sentiu uma fisgada em seu pé. Uma agulha havia atravessado não só a galocha de plástico como o pé, que ficou infeccionado. Joacir passou quase um mês sem trabalhar. Ele também contou que um de seus irmãos, quando trabalhava em Gramacho, cheirou um líquido que estava dentro de uma garrafa e, na mesma hora, desmaiou. Embora esses casos não tenham acarretado consequências fatais à saúde dos catadores, mostram sob quais condições eles trabalhavam.

Foi durante a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, a ECO-92 ou Rio 92, que as autoridades voltaram a atenção de forma mais objetiva ao problema do lixo urbano no Rio de Janeiro.

[...] o Ministério Público promoveu ações obrigando a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro a adotar medidas ambientalmente corretas para o tratamento e destinação final dos seus resíduos. [...] No sentido de resgatar não somente a área geográfica e o ecossistema, paralelamente às operações civis, o serviço social foi implantado com a finalidade de identificar todas as pessoas que estavam na atividade de catação, efetuando um cadastramento que excluía (em razão da natureza do trabalho ser penosa, perigosa e insalubre) crianças, adolescentes, idosos e pessoas portadoras de deficiência. (BASTOS, 2009; 17).

Apesar dos esforços do poder público para retirar crianças e adolescentes de Gramacho, Joacir e seu irmão Evandro começaram a trabalhar no lixão antes da maioridade, aos 17 anos, mesmo sabendo que era proibido, para ajudar financeiramente sua mãe, que até hoje é catadora. Eles contaram, nas entrevistas, que se sentiam mal de ver a mãe, que já é idosa, trabalhando para sustentá-los sem que pudessem ajudar. Então, decidiram começar a trabalhar no lixão. Nunca foram indagados por nenhuma autoridade a respeito de sua idade.

A Prefeitura licitou, no fim de 1995, a operação do aterro para a Construtora Queiroz Galvão S/A. Um dos objetivos era controlar os danos ambientais causados pelo

despejo indiscriminado de lixo no local. Além disso, a licitação também previa a construção de uma nova tecnologia para mudar o trabalho dos catadores.

[...] viabilizar a execução do trabalho de modo similar ao realizado na Rampa de Vazamento. Ou seja, a separação do material potencialmente reciclável seria processada por meio da colocação e passagem dos resíduos em esteiras rolantes, onde os catadores fariam a retirada sem precisar garimpar de saco em saco, arriscando a vida. (BASTOS, 2009; 17).

Na prática, o que se via em Gramacho, antes de seu fechamento, era algo bem diferente. O apelido *rampa* pegou entre os catadores, mas não se referia a um recurso tecnológico para qualificar o trabalho dos catadores. A *rampa* era uma montanha de lixo despejada pelos caminhões. No pé desse monte os catadores circulavam em busca de materiais como PET, vidro, plástico, alumínio e papelão. Não são raras histórias de catadores que ainda estavam recolhendo os materiais da montanha quando foram “afogados” pelo lixo que chegava, jogado pelos caminhões.

Segundo o artigo “Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil” (PORTO et al, 2004), a construção da rampa de vazamento não foi posta em prática em função da pressão dos próprios catadores, que acreditavam que essa mudança pioraria seu trabalho.

Depoimentos relatam que, nessa época, foi feito um cordão humano e impedida a entrada de caminhões, o que causou um grande transtorno. Após negociações entre várias autoridades estaduais e municipais, foi forjado um acordo que permitiu a permanência dos catadores nas rampas de trabalho (PORTO et al, 2004; 1504).

Em 2010, numa tentativa de controlar os impactos ambientais do aterro, a Prefeitura do Rio⁵ construiu em Gramacho uma Usina de Biogás, que queima o metano, reduzindo a emissão de gases responsáveis pelo efeito estufa, além de gerar energia. A empresa que explora os gases resultantes da decomposição do lixo — vendidos como créditos de carbono — é a Novo Aterro Energia Ambiental, que continua atuando no espaço mesmo após o fechamento formal do lixão.

As nove mil toneladas de lixo carioca que chegavam diariamente ao Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho tiveram que ganhar um novo destino. Agora, o lixo

⁵ Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/comlurb/exibeconteudo?article-id=2408276>. Acessado em: 07/02/2013.

da capital fluminense é encaminhado para Central de Tratamento de Resíduos de Seropédica (CTR Rio), que também recebe os detritos de Seropédica, Itaguaí, Mangaratiba e Duque de Caxias⁶.

Para atender à PNRS, foi necessário construir um aterro sanitário. Por isso, houve a preocupação em preparar o novo destino do lixo. Segundo a Comlurb⁷, o solo do terreno foi inteiramente impermeabilizado e até o chorume será reaproveitado – será transformado em água de reuso. Além disso, um dos objetivos do CTR, no longo prazo, é diminuir a emissão de gases causadores do efeito estufa. “O objetivo é reduzir as emissões em 8% até 2012, 16% até 2016 e 20% até 2020”⁸.

Se esse espaço foi bem preparado, o mesmo não aconteceu na vida dos catadores. No dia 3 de junho de 2012, o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, usou sua página no Twitter para comemorar “o fim de um crime ambiental”. Sobre o futuro das pessoas que dali tiravam seus salários, Paes disse:

esperamos q a cidade de Caxias possa olhar c atencao p essa gente trabalhadora q vai precisar do amparo do poder público p prosseguir! convidei a Cufa [Central Única das Favelas, organização não governamental] e o pangea [Centro de Estudos Socioambientais] p desenvolver c a Comlurb trabalho de acompanhamento dos catadores mas o papel da Pref de Caxias é fundamental.⁹

O destino dos 1.700 catadores ficou, então, nas mãos da Prefeitura de Duque de Caxias. Em outubro de 2012, nas eleições, o então prefeito José Camilo Zito Filho, do Partido Progressista, foi derrotado nas urnas no primeiro turno.¹⁰ No segundo turno, a vitória ficou com Washington Reis, do Partido Socialista Brasileiro.

O jornal Extra publicou uma reportagem no dia 27 de dezembro de 2012 cujo título já aponta a situação em que a cidade ficou depois das eleições: “A cinco dias do

⁶ As informações sobre a Central de Tratamento de Resíduos de Seropédica (CTR Rio) foram enviadas pela assessoria de imprensa da CTR, a Ciclus, em entrevista por e-mail.

⁷ Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/comlurb/exibeconteudo?article-id=2408276>. Acessado em: 07/02/2013.

⁸ Ibidem.

⁹ Disponível em: <https://twitter.com/eduardopaes>. Acessado em: 07/02/2013.

¹⁰ Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-eleicoes-2012>. Acessado em: 07/02/2013.

fim do governo, Zito some e prefeito eleito chama população para mutirão contra sujeira em Caxias”¹¹.

No último mês do ano, o tratamento do lixo foi praticamente abandonado em Duque de Caxias – situação semelhante à que os ex-catadores viviam desde junho. Joacir e Evandro não receberam nenhuma instrução, curso ou acompanhamento por parte de qualquer órgão, governamental ou não. Segundo disseram, sua situação ainda era das melhores porque eram jovens e tinham mais facilidade de conseguir um emprego. Vários catadores idosos – inclusive, a mãe dos dois – passaram a catar ferros velhos nas ruas da cidade.

¹¹ Disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/rio/baixada-fluminense/a-cinco-dias-do-fim-do-governo-zito-some-prefeito-eleito-chama-populacao-para-mutirao-contrasujeira-em-caxias-7141252.html#ixzz2LOX8JX00> Acessado em: 07/02/2013.

4. ‘QUEM TRABALHA COMO EU TEM QUE FEDER’¹²

Este capítulo abordará o processo de produção da reportagem. O papel que o fechamento e os catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho tomaram em minha vida é muito maior do que eu esperava quando fui ao lixão pela primeira vez. Decidi fazer este relato em primeira pessoa – consciente de que este não é um padrão acadêmico – a fim de admitir os contornos que minha subjetividade deu a este produto. Esse objetivo também foi buscado ao longo da edição da reportagem.

A objetividade do jornalismo – conceito que ganhou força no século passado nos Estados Unidos e se difundiu no Brasil através de diversos manuais de redação de grandes empresas de comunicação, sobretudo a partir dos anos 1980 – é alvo de críticas no meio acadêmico há algum tempo. Para Sylvia Moretzsohn:

[...] a subjetividade presente no processo de apreensão dos fatos indica que o jornalismo não é o discurso da realidade (como diz ser), mas um discurso sobre a realidade. [...] Entretanto, exatamente por apresentar-se como aquilo que não é, o jornalismo consegue legitimar-se e assegurar seu lugar de autoridade, como o mediador “neutro” definido pelo conceito de “quarto poder”, e garante foros de verdade” aos fatos que divulga - e que supostamente “falam por si” [...] (MORETZSOHN, 2001; 3).

Wilson da Costa Bueno também trata dessa questão em um livro que aborda especificamente o jornalismo ambiental, mas acredito que seus conceitos se apliquem a todas as áreas de produção jornalística. Para o autor, “a objetividade deve ser vista com restrições porque, na prática, toda reportagem, todo discurso implica uma trajetória, uma leitura e um compromisso” (BUENO, 2007; 37).

Em suma, seguindo as ideias de ambos os autores, assumir a não existência da objetividade nos permitiria praticar um jornalismo verdadeiramente neutro.

A sugestão de admitir a não-objetividade do pesquisador também tem ecos na antropologia. Nestor García Canclini (2006) sugeriu que todo etnólogo, em sua pesquisa, deveria ter pretensões delimitadas pela prudência.

¹² A frase foi retirada do livro “Quarto de despejo”, um diário lírico escrito pela catadora de papéis Carolina Maria de Jesus, em 1960. Traduzido em mais de 14 línguas, o livro causou surpresa e comoção pela doçura e lucidez da mulher negra, pobre e favelada. Destaco o trecho de onde emprestei o título deste subcapítulo: “[...] Pensei nas palavras da mulher do Policarpo que disse que quando passa perto de mim eu estou fedendo bacalhau. Disse-lhe que eu trabalho muito, que havia carregado mais de 100 quilos de papel. E estava fazendo calor. E o corpo humano não presta. Quem trabalha como eu tem que feder!”

a) incluir na exposição das investigações a problematização das interações culturais e políticas do antropólogo com o grupo estudado; b) suspender a pretensão de abarcar a totalidade da sociedade examinada e prestar especial atenção às fraturas, às contradições, aos aspectos inexplicados, às múltiplas perspectivas sobre os fatos; c) recriar esta multiplicidade no texto, oferecendo a pluralidade de vozes das manifestações encontradas, transcrevendo diálogos ou reproduzindo o caráter dialógico da construção de interpretações. Em vez do autor monológico, autoritário, busca-se a polifonia, a autoria dispersa (CANCLINI, 2006; 133).

Em busca da polifonia, faço o uso da minha voz, através de repertório de referências e experiências pessoais. Na época em que fui ao lixão, em maio de 2012, a emissora de televisão Rede Globo exibia uma telenovela chamada “Avenida Brasil”. A história de ficção, dividida em seis capítulos semanais entre março e outubro daquele ano, foi escrita por João Emanuel Carneiro e dirigida por José Luiz Villamarim e Amora Mautner. O tema principal da trama era a vingança da protagonista Nina (Débora Falabella) contra sua madrasta Carminha (Adriana Esteves), que deu um golpe em seu pai e, logo nos primeiros capítulos, abandonou a garota em um lixão inspirado no Aterro de Gramacho¹³. Foi este um dos principais cenários de alguns dos mais importantes acontecimentos.

O que conhecia a respeito do lixão provinha do conteúdo de documentários como “Estamira”, de Marcos Prado, e “Lixo extraordinário”, de Lucy Walker. Mas nenhuma dessas referências poderia me preparar para a principal característica do lixão, que ficou impregnada em minhas roupas e na memória: seu cheiro.

O lixo acumulado e remexido gera um odor ao mesmo tempo amargo e azedo, que enjoa de longe, antes mesmo de chegar à *rampa* – espaço onde os caminhões de lixo despejavam os dejetos. Todos ali parecem não perceber o cheiro, é preciso disfarçar a careta involuntária.

Imaginei que, como é comum acontecer com os cheiros persistentes, depois de algum tempo eu me acostumaria. Mas durante todas as horas que passei no lixão, cada inspiração foi um desafio ao autocontrole para que minha fisionomia não expressasse o

¹³ Uma reportagem d’O Globo de 02/06/2012 sobre o lixão cenográfico de “Avenida Brasil” conta que o Aterro de Gramacho foi um dos lugares de pesquisa e criação para os produtores da novela. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/revista-da-tv/com-13-mil-metros-quadrados-lixao-de-avenida-brasil-nao-tem-sujeira-nem-mau-cheiro-5094372>. Acessado em: 07/02/2013.

quanto aquilo incomodava minhas narinas e como o cheiro daquilo, que já entendia como *meus* restos, era estranho para mim.

Estive lá pela primeira vez para fazer uma pré-entrevista com Joacir e Evandro, material que integraria uma reportagem dos estagiários do jornal O Globo para o projeto “Rio+20 e poucos anos”, sobre juventude e sustentabilidade, com coordenação da jornalista Leticia Helena. Seria proposto aos catadores que registrassem em câmeras descartáveis os últimos dias do lixão, às vésperas de seu fechamento. O objetivo era mostrar o ponto de vista dos habitantes daquele espaço, algo que nós não poderíamos fazer. Nossa ideia era de que, quando a matéria saísse, as câmeras já tivessem, inclusive, sido recicladas – destacando a ironia de serem descartáveis e estarem num espaço de descarte. Era como se o lixo fosse o avesso de Midas – o rei da mitologia grega que transformava em ouro tudo que encostasse. Em Gramacho, o que chegasse lá, ao lixo pertenceria.

O calor de quase 40° marcado nos termômetros do Rio de Janeiro naquela tarde parecia ainda mais quente no município de Duque de Caxias – e sufocante no bairro Jardim Gramacho. No caminho, porcos enormes buscavam algo de comer no meio da lama provocada pela chuva do dia anterior. Foi na entrada do lixão, onde passavam as carretas carregando o lixo, que esperamos pelos dois irmãos, debaixo do sol, com o suor escorrendo.

Tímidos, mas curiosos, Joacir e Evandro não entendiam por que queríamos que tirassem as fotos, já que não entendiam nada de fotografia. Expliquei que nosso objetivo era mostrar o lixão sob o ponto de vista deles, não do nosso. Isso os animou. “Quando as TVs vêm aqui, eles mostram a gente triste, sofrendo à beça. A vida não é assim no lixão”, explicou Evandro, rompendo a barreira entre eles e nós, a imprensa, e dando um dos primeiros sinais de confiança.

Nesse dia, não fomos à rampa, mas da entrada já sentíamos o cheiro, um presságio do que enfrentaríamos em breve.

Quando fomos buscar as câmeras descartáveis, subimos até a rampa. Os meninos usavam suas roupas de catar lixo – galochas, chapéu, boné e coletes da Associação dos Catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho (ACAMJG). Nos meus pés, um par de tênis All Star revelava minha inexperiência.

Enquanto tentava me acostumar com o cheiro, lembro de notar como o céu era bonito ali e como isso me pareceu irônico – um céu tão belo cobrindo algo tão feio. O que eu não entendia é que aquela feiura é bela para muita gente que dali tira seu sustento. A embalagem vazia que o catador recolhe se transforma em dinheiro para que possa comprar sua própria embalagem cheia de comida.

Em meio a mais de uma centena de urubus, fizemos a entrevista. Depois disso, foi hora de, como se diz no jargão de jornalistas, botar o pé na lama e ver mais de perto como era a rampa e o trabalho dos catadores.

Havia ali exemplares de todas as coisas que eu já tive e joguei fora: roupas, sapatos, colchões, cadernos, jornais, potes e restos de comida. Havia também bichos e pessoas. Pessoas que fediam e que fuçavam a montanha, atrás de algum material que valesse a pena. Pessoas que pararam de catar para nos cumprimentar, que sorriram e brincaram conosco. Que explicaram mais da história do lugar e da profissão, da qual muitos diziam se orgulhar. Pessoas com medo do futuro, sem saber como começar a trabalhar com qualquer coisa depois de tantos anos no lixão e se algum emprego pagaria o que a reciclagem pagava.

Depois da revelação das fotos de Joacir e Evandro, as imagens surpreenderam a todos¹⁴. A composição, os jogos de luz e os olhares que os catadores conseguiram captar nunca teriam sido alcançados por um fotojornalista profissional. Foi curioso comparar as páginas publicadas no jornal, uma com as imagens dos catadores e outra com a reportagem “oficial”, no dia do fechamento do aterro. Onde Joacir e Evandro mostravam sorrisos em retratos de catadores, o fotógrafo d’O Globo exibiu revoadas de urubus no contraluz¹⁵. Eztétyka ou cosmética da fome?¹⁶

Alguns dias depois da ida ao lixão, estive na sede da ACAMJG, onde entrevistei o presidente da associação, Tião Santos, que ficou famoso depois de estrelar, ao lado de Vik Muniz, o filme “Lixo Extraordinário”. Queríamos saber como a associação lidaria

¹⁴ Anexo A.

¹⁵ Quando, fotografando, a luz está vindo do fundo, a imagem registrada vira uma sombra.

¹⁶ “Eztétyka da fome” é o nome do manifesto do Cinema Novo brasileiro, criado por Glauber Rocha, em 1965, que propunha um cinema de terceiro mundo revolucionário, inovador, feito por quem conhece a fome de perto; estético e ético. “Cosmética da fome” é um termo cunhado pela professora da Escola de Comunicação da UFRJ Ivana Bentes para descrever um certo uso das imagens de pobreza e da miséria, que as estiliza em vez de provocar uma reflexão. Disponível em: 07/02/2013.

com o fim do aterro. O lixo já separado ainda impressionava pela quantidade, mas lá não havia mais aquele cheiro dolorido.

Garoto propaganda da Coca-Cola, Tião usava camiseta e tênis da marca de refrigerantes. No dia seguinte à entrevista, ele viajou para Londres, onde participou da abertura dos Jogos Olímpicos de 2012. Ele era (e ainda é) o típico exemplo de quem deu certo, “subiu na vida” e conseguiu deixar para trás a imagem estigmatizada de catador. Consciente disso, ele alertou: “É muito fácil você reconhecer a mim. Mas será que você reconhece um catador quando passa, aquele catador como eu era, normal, catando na rua?”

A fala de Tião remete à tese do psicólogo Fernando Braga da Costa (2008), que trabalhou durante oito anos com os garis da USP. Foi através da observação participante (2008; 1) que ele conseguiu entender que esses garis sofriam da invisibilidade pública, que ele define como “espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens” (2008; 1). Eles eram olhados pela sociedade, mas não eram *vistos*. Os garis, como Tião, se queixavam da humilhação de serem ignorados.

Vários catadores temiam o futuro que lhes aguardava. Na rampa, eles conseguiam ganhar cerca R\$ 100 por dia. Dependendo de quantas horas estivessem dispostos a trabalhar, até mais – gerando um salário considerado alto até para muitas carreiras formais, dado que o salário mínimo do estado do Rio, por exemplo, é de R\$ 693,77¹⁷.

Apesar de seus temores quanto ao futuro, Tião defendeu o fechamento do aterro. “Tem gente digna trabalhando em Gramacho, porém não tem dignidade naquela forma de trabalho, porque é desumano”, disse ele. O ex-catador defendia que haveria vida melhor depois do lixão.

Talvez sim, mas as oportunidades nunca são iguais para todos. A ACAMJG continua funcionando, recebendo de empresas doações de material a ser separado, além de patrocínios. Desde o fechamento, vários catadores romperam com a associação, que não lhes teria garantido certas condições previamente combinadas – a mãe de Joacir e Evandro, por exemplo, saiu de lá brigada com Tião.

¹⁷ Disponível em: http://www.portalbrasil.net/salariominimo_riodejaneiro_2012.htm. Acessado em: 07/02/2013.

Essas experiências foram importantes para que eu me reposicionasse – era necessário entender meus próprios preconceitos em relação a quem vive do lixo. Perguntava-me se, por ser “foca”, jornalista iniciante de “coração mais mole”, aquela situação teve em mim um impacto diferente, em relação a um repórter mais experiente.

As poucas horas que estive no aterro naquele dia ficaram grudadas na minha memória, martelando por dias e dias. Se aquele cheiro corrosivo me agrediu tanto, como é que aquelas pessoas podiam trabalhar ali? E, mais assustador ainda, por que não queriam deixar aquele emprego? Difícil – tanto para mim, quanto para os catadores – chegar a uma conclusão.

Hoje, quando penso na importância que os catadores de Gramacho passaram a ter na minha vida, é engraçado lembrar-me das primeiras impressões sobre o lugar. Naquele dia, não consegui jogar nada no lixo. Até hoje, às vezes, me pego refletindo: “se eu jogar essa latinha e ninguém recolher, ela vai ser incinerada. Mas isso não é lixo, é dinheiro!”. Mas alguns momentos depois, o leitor pode adivinhar onde ela vai parar.

Ainda agora é difícil admitir que achasse irônico aquele céu belo sobre o lixão. Se eu imaginava que aquela mistura de gente e restos era uma única coisa, talvez eles também se vissem como um amontoado de lixo. Mas catadores são pessoas. Pessoas que trabalham e ali, naquela função, sim – fedem. E merecem, exatamente como qualquer outro ser humano, ter um céu bonito para olhar ao fim do dia.

5. RELATÓRIO DE PRODUÇÃO

A produção desta reportagem dividiu-se nas seguintes etapas: pré-entrevistas, gravação e edição. Cada uma delas tem aspectos técnicos específicos, portanto, foram divididas em subcapítulos.

5.1. PRÉ-ENTREVISTAS

A primeira pré-entrevista aconteceu no dia 10 de maio de 2012. Os catadores foram localizados através da Associação de Catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho (ACAMJG) e o encontro ocorreu na entrada do lixão.

Desde então, todas as pré-entrevistas foram realizadas por telefone, cerca de duas vezes por mês ao longo dos últimos oito meses.

5.2. GRAVAÇÃO

Na primeira gravação¹⁸, que se deu em 16 de maio de 2012, o lixão ainda não era tema deste projeto experimental. Eu e mais dois colegas estagiários d'O Globo fomos ao aterro gravar uma entrevista. Para chegar lá, usamos um carro da empresa, levando equipamentos de imagem e som também d'O Globo. A filmagem transcorreu sem contratempos. Fomos acompanhados por um assessor de imprensa da Comlurb.

O segundo dia de gravações foi 2 de dezembro de 2012, exatos seis meses após o fechamento do lixão. Fui acompanhada de um cinegrafista, à praça Valdetário Gonçalves, em Duque de Caxias – em um carro particular.

A ideia inicial de gravar na casa de Joacir, na favela Jardim Gramacho, teve de ser abandonada devido ao risco do local, dominado pelo tráfico. Tanto os irmãos quanto jornalistas mais experientes me alertaram dos riscos de entrar lá. Decidimos, então, gravar no próprio aterro, agora sem o lixo no fundo, mas a Comlurb não autorizou a entrada no local para gravação. Acabamos, por fim, optando pela praça, onde Joacir e Evandro costumam ir à noite para um forró gratuito.

¹⁸ Anexo B.

Um imprevisto atrapalhou a filmagem e a qualidade do material deste dia. Logo ao lado da praça, havia uma igreja evangélica onde acontecia um culto. O pastor usava um microfone com um amplificador, elevando sua voz às alturas. O culto só teve início quando já estávamos gravando, de modo que não pudemos mudar de lugar, apenas tentamos ficar de costas para a igreja, para tentar diminuir o impacto do som vindo de lá. Neste dia, a gravação durou cerca de 1h30min.

A terceira e última entrevista gravada ocorreu no dia 3 de fevereiro de 2013, naquela mesma praça. A maior dificuldade foi não conseguir um operador de câmera e áudio e, neste dia, ter que cuidar ao mesmo tempo da entrevista e da parte técnica. No começo da entrevista, isso gerou momentos de tensão, mas, com o passar do tempo, ficou mais fácil administrar as duas partes. A gravação durou cerca de uma hora.

Na gravação da primeira entrevista usamos a filmadora Sony Handycam DCR-SR47 HD, d'O Globo, com um tripé Manfrotto e o um microfone lapela, também da empresa. Nos demais dias, todo o equipamento foi emprestado por um colega. A câmera usada é uma Canon EOS 7D, com lente Canon 24-70mm, microfone Sennheiser MK 400 e monopé Manfrotto.

5.3. EDIÇÃO

Ao todo, foram gravadas duas horas, 39 minutos e 14 segundos, o que totalizou 38 gigabytes de material a ser editado. Começamos pela decupagem de todo o material, separando os trechos mais interessantes. Levamos cerca de duas horas para decupar cada hora de material bruto, totalizando aproximadamente quatro horas de meia de trabalho.

A partir disso, foi realizado um primeiro corte, apenas com as entrevistas para, posteriormente, incluir imagens de transição, trilha sonora e elementos gráficos – como as cartelas explicativas, créditos e legendas. Posteriormente, o material ainda recebeu tratamento de som e de cor.

A edição desta reportagem levou cerca de duas semanas e o produto final ficou com aproximadamente 10 minutos de duração. O script da reportagem ficou assim:

VÍDEO	ÁUDIO
<p>Imagens do caminho até o lixão (planos de 5'' com corte seco)</p> <p>FADE OUT</p> <p>CARTELA/ARTE: No dia 2 de junho de 2012, o Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho fechou suas portas.// A rampa de vazamento do lixão recebia diariamente nove mil toneladas de dejetos do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense.// Os 1.700 catadores de materiais recicláveis de Gramacho precisaram encontrar novas formas de ganhar a vida.// O único apoio que receberam foi uma indenização de cerca de R\$ 14 mil para cada um, dada pela Prefeitura do Rio de Janeiro.</p> <p>FADE IN</p> <p>MAIO/2012</p> <p>FADE OUT</p> <p>FADE IN</p> <p>Joacir e Evandro no lixão</p> <p>GC1 Evandro Crispim – 21 anos</p> <p>GC2 Joacir Crispim - 20 anos</p>	<p>Repórter pergunta “E aqueles sonhos?”</p> <p>Sonora dos dois (Dizem que os sonhos acabaram)</p> <p>BG LIXÃO</p> <p>Repórter pergunta o que vão fazer com a indenização.</p> <p>Sonora Evandro (Diz que vai guardar e talvez use para fazer faculdade)</p> <p>Sonora Joacir (Diz que vai comprar um carro, se corrige, diz que vai fazer uma casa)</p>

<p>Cobre com imagens abertas do lixão</p>	<p>Sonora Joacir (Fala de como a imprensa filmava eles, só gravava os moradores e falava mal deles).</p> <p>Sonora Joacir (Diz que eles ajudaram muito o meio ambiente)</p>
<p>FADE OUT</p> <p>FADE IN</p> <p>FEVEREIRO/2013</p> <p>FADE OUT</p>	
<p>FADE IN</p> <p>Joacir e Evandro na praça</p>	<p>Sonora Evandro (Diz que deu mole de não fazer uma casa para ele, mas um dia vai ganhar na mega sena).</p>
<p>Cobre com imagens de catadores trabalhando</p>	<p>Sonora Evandro (Diz que lá era muito legal, eles trabalhavam rindo, se divertindo)</p> <p>Sonora Joacir (Diz que eles pareciam uma família, todo mundo unido).</p>
<p>Cobre com imagens do céu</p> <p>Cobre com imagens deles dois no lixão</p>	<p>Sonora Evandro (Diz que ficava olhando para o céu e ficava pensando; quando olhava para o chão e todo mundo jogando bola, carta).</p> <p>Sonora Joacir (Fala dos planos de tentar fazer faculdade e de criar o filho)</p> <p>Sonora Joacir (Diz que vai ser um pai presente para seu filho)</p>

<p>CARTELA/ARTE: Hoje, todo o lixo carioca é levado para a Central de Tratamento de Resíduos Sólidos de Seropédica.// Depois de alguns trabalhos temporários, Evandro ainda está procurando emprego fixo. // Dois meses após o fechamento do lixão, Joacir descobriu que sua namorada, Carolaine, estava grávida. João Pedro nasceu no dia 11 de fevereiro de 2013.//</p> <p>Imagens Joacir e Crispim de costas no lixão</p> <p>Imagens Joacir e Crispim indo embora da praça</p> <p>Créditos reportagem, imagens, edição, pauta, orientação</p>	<p>BG Caminho de carro</p> <p>SOBE SOM (Trilha séria).</p>
--	--

6. CONCLUSÃO

A experiência de adaptar um trabalho desenvolvido a partir de um olhar acadêmico para um formato jornalístico foi extremamente interessante. Minha principal preocupação foi fugir de jargões, tanto nas entrevistas quanto na edição da reportagem. Foi fundamental policiar-me para fazer perguntas simples, mas que estimulasse Joacir e Evandro a explicar melhor o que pensavam a respeito dos temas discutidos.

Também foi um desafio transmitir, na reportagem, os conceitos estudados – sobretudo devido à opção de não usar um “especialista” na montagem, a fim de não criar uma dicotomia estereotipada no produto (de um lado, a voz de um pesquisador, culto; do outro, os nativos).

No já mencionado trabalho do psicólogo Fernando Braga da Costa, ele explica os desafios de entrevistas os garis. “No quadro da invisibilidade pública, a comunicação entre os humanos fica prejudicada, regride, tendendo a formas de troca demasiado econômicas” (COSTA, 2008; 7).

Houve dificuldade para as conversas durante as entrevistas desse trabalho. Antes de pegar nos equipamentos de filmagem, eram necessários cerca de dez minutos de bate-papo sobre assuntos muito informais (futebol, namoradas, etc.) para tirá-los de um estado de respostas monossilábicas. Quando o equipamento era ligado, o desafio se repetia. Mas Joacir e Evandro sempre conseguiram romper as barreiras da timidez e abrir sua intimidade.

Outro desafio que nunca foi – e, talvez, nem pudesse ter sido – superado foi sair da dicotomia “menina rica entrevistando” vs. “rapazes pobres entrevistados”. Os equipamentos de filmagem intensificavam e marcavam essa diferença. De toda forma, creio que mesmo que passasse – como no caso da pesquisa de Braga – oito anos catando lixo ao lado deles, meu repertório cultural ainda seria o de “menina rica entrevistando” e, portanto, essa linha dificilmente seria ser rompida – embora pudesse ser atenuada.

É interessante pensar no conceito de consumo de Mary Douglas e Baron Isherwood, como um processo onde “todas as categorias sociais estão sendo continuamente redefinidas”. Atitudes e palavras sugerem que a convivência no lixo tenha feito esses catadores enxergarem a si mesmos como o *refugo* da produção, a parte que não presta. Ao saírem do lixão, com a indenização, trataram a si mesmos como o

material reciclado que eles separavam: redefiniram-se com bens de consumo, aos quais antes não tinham acesso. Deixaram de ser refugio, para tornar-se *produto*, avalizados por outros produtos, *de marca*.

A respeito do trabalho em si, acreditamos em investir em um produto híbrido entre a telerreportagem e o documentário. Provavelmente, ele só seria exibido em mídias digitais, o que é compatível com os objetivos anteriores à produção da pesquisa.

Ao registrar algumas de suas memórias profissionais, o jornalista Ricardo Kotscho disse: “tudo que já fiz até hoje foi tentar descobrir histórias boas e contá-las”. Essa é, então, a primeira das boas histórias que pretendo contar.

7. BIBLIOGRAFIA

Livros, artigos e teses

APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas – As mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: EdUFF, 2010.

BARBER, Benjamin R. *Consumido – Como o mercado corrompe crianças, infantiliza adultos e engole cidadãos*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BASTOS, Valéria Pereira. *Catador: profissão – Um estudo do processo de construção identitária, do catador de lixo ao profissional catador. Jardim Gramacho, de 1996 aos dias atuais*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Departamento de Serviço Social, PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

_____. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BUENO, Wilson da Costa. *Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa*. São Paulo: Mojoara, 2007.

CANCLINI, Nestor García. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

COSTA, Fernando Braga da. *Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garis. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas*. Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

DOUGLAS, Mary & ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens – Para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GEERTZ, Clifford. *O saber local*. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrole – o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

IEZZI, Renato. *Consumindo: a realidade cruel na evolução do lixo*. 2011. Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação, Faculdade Integrada AVM. Rio de Janeiro, 2011.

KOTSCHO, Ricardo. *A prática da reportagem*. São Paulo: Ática, 2000.

_____. *Do golpe ao planalto – Uma vida de repórter*. São Paulo: Schwarcz, 2006.

LINS, Consuelo & MESQUITA, Cláudia. *Filmar o real – sobre o documentário brasileiro contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MASCARELLO, Fernando (org.). *História do Cinema Mundial*. Campinas: Editora Papirus, 2006.

MEDEIROS, L.F.R. & MACEDO, K.B. *Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência?*. Psicologia e Sociedade, vol. 18, nº 2, mai/ago 2006.

MORETZSOHN, Sylvia. *“Profissionalismo” e “objetividade”: o jornalismo na contramão da política*. Niterói, 2001.

PORTO, M.F et al. *Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil*. Cad. Saúde Pública, vol. 20, nº 6 nov/dez 2004.

SODRÉ, Muniz & FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem – Notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.

SQUIRRA, Sebastião. *Aprender telejornalismo: produção e técnica*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

WATTS, Harris. *Um manual de técnicas de vídeo e cinema*. São Paulo: Summus, 1999.

Filmes

BOCA de lixo. Direção: Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: VideoFilmes, 1993. 1 DVD (50min), color.

DOIS tempos. Direção: Arthur Fontes e Dorrit Harazim. Rio de Janeiro: Conspiração Filmes e VideoFilmes, 2011. 1 filme (82min), color.

ESTAMIRA. Direção: Marcos Prado. Rio de Janeiro: 2004. 1 DVD (121min), color.

ILHA das flores. Direção: Jorge Furtado. Porto Alegre: Casa de Cinema de Porto Alegre, 1990. 1 vídeo (13min), color.

LIXO extraordinário. Direção: Lucy Walker. Codireção: Karen Harley e João Jardim. Brasil e Reino Unido: Almega Projects e O2 Filmes, 2010. 1 filme (99min), color.

Sites acessados

Câmara dos deputados - <http://www2.camara.leg.br/>

Comlurb – comlurb.rio.rj.gov.br/

Extra – extra.globo.com/

Governo do Estado do Rio de Janeiro – www.rj.gov.br/

O Globo – oglobo.globo.com/

Presidência da República - <http://www2.planalto.gov.br/>

Portal Brasil – portalbrasil.net/

Prefeitura do Rio de Janeiro – www.rio.rj.gov.br/

Tribunal Superior Eleitoral - www.tse.jus.br

Twitter – twitter.com/

ANEXO A: FOTOS TIRADAS PELOS CATADORES





ANEXO B: REGISTROS DO PRIMEIRO DIA DE GRAVAÇÃO